

Sem mudanças, haverá mais efeito estufa, diz estudo

Pesquisadores alertam que país não conseguirá cumprir metas do Acordo de Paris se não alterar a atual política ambiental

Um estudo que será apresentado hoje no Rio, em Paris e em Nova York alerta para as consequências da continuação das atuais políticas ambientais do governo brasileiro. A manutenção faria o Brasil ultrapassar em 137% a meta de emissões de gases de efeito estufa assumida pelo país no Acordo de Paris e na Contribuição Nacionalmente Determinada, com prazo fixado em 2030.

A continuidade também levaria o desmatamento da Amazônia ao índice de 25% do bioma, limite para o que os especialistas apontam como o risco de savanização da maior floresta tropical do mundo. Com esta mudança, áreas verdes podem se per-

der sem a possibilidade de recuperação.

As conclusões são do estudo científico “Cenário Continuidade”, desenvolvido por pesquisadores do Centro de Estudos Integrados Sobre Meio Ambiente e Mudanças Climáticas (Centro Clima) do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe), da UFRJ, como parte da iniciativa Clima & Desenvolvimento. A iniciativa é uma articulação para incentivar a economia de baixo carbono e foi idealizada pelo Instituto Clima e Sociedade, Instituto Talanoa e o Centro Clima.

A pesquisa será divulgada

na semana anterior à chegada do presidente Jair Bolsonaro a Nova York, onde ele deverá discursar na abertura da Assembleia Geral da ONU, no dia 20. O meio ambiente é um dos assuntos em que o Brasil é mais co-

brado na política internacional e foi tema dos discursos anteriores do presidente nas Nações Unidas.

Os pesquisadores trabalharam duas hipóteses de cenários de manutenção da atual política ambiental do

governo Bolsonaro. No primeiro, o crescimento do desmatamento segue o ritmo do período de 2018 a 2021 na Amazônia, no Cerrado e na Mata Atlântica e se estabiliza em 2026. No segundo, o desmatamento

nestes biomas cresce no mesmo ritmo até 2030.

O estudo leva em conta que o desmatamento da Amazônia passou de 754 mil hectares em 2018 para 1,3 milhão de hectares em 2021. A mudança representa uma elevação média de 183 mil hectares por ano.

A continuidade da devastação observada nos últimos quatro anos levaria a Floresta Amazônica a um desmatamento acumulado de quase 20 milhões de hectares no período de 2022 a 2030, elevando as emissões brasileiras dos gases de efeito estufa, aponta a pesquisa.

Para reverter o quadro e garantir o cumprimento de compromissos internacionais, os pesquisadores defendem, entre outras medidas, uma “radical redução do desmatamento” e um mercado de negociação de cotas de emissões de carbono para a indústria.



DOUGLAS MAGNO/AFP

Risco de continuidade.

Incêndio em Candeias do Jamari, em Rondônia; pesquisa alerta para perigo de savanização da Amazônia